

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO *LATO-SENSU* EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA -
LASEB

Isabel Regina Neves Souza

CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Belo Horizonte

2012

Isabel Regina Neves Souza

CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico Raciais, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): José Eustáquio de Brito

Belo Horizonte

2012

Isabel Regina Neves Souza

CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico Raciais, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): José Eustáquio de Brito

Aprovado em 14 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

José Eustáquio de Brito – Universidade do Estado de Minas Gerais

Nome do Convidado – Faculdade de Educação da UFMG

AGRADECIMENTOS

A Deus Pai, responsável por toda essa conquista e pelo dom da minha vida.

Ao meu filho Lucas, razão da minha existência e motivo de tudo em minha vida valer à pena.

A minha tia Secília Dias, única pessoa que acreditou que um dia esse momento iria chegar e hoje, na eternidade, deve estar bendizendo a Deus por mais essa graça.

Aos meus familiares e amigos que sempre torceram por mim.

Ao meu orientador, José Eustáquio de Brito, e professores que acreditaram na minha capacidade, me orientando... Formando-me.

Aos cursista, em especial Cláudia, Ilza, Edilene e Rita minhas parceiras.

Aos organizadores do LASEB, do curso de *Educação e Relações Étnico-Raciais* que perseveraram e venceram junto comigo mais essa etapa, muito obrigada!

Agradeço principalmente as amigas Cida Castro, Ana Paula e Grazielle dentre outras, que abrilhantaram este plano de ação fazendo-o ímpar em minha vida.

E, finalmente, agradeço aos alunos da sala dos “Amigos do Cebolinha”, sala sete da UMEI Aarão Reis, que me ajudaram a concretizar o trabalho mais importante e lindo, realizado durante o percurso da minha atividade docente.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele,
por sua origem ou ainda por sua religião.
Para odiar, as pessoas precisam aprender e,
se podem aprender a odiar,
podem ser ensinadas a amar.”

(Nelson Mandela)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo promover ações no campo da cultura afro-brasileira, tendo como suporte livros literários infantis visando a oferecer às crianças subsídios para construção de sua identidade a partir dessa referência, numa perspectiva do respeito, da valorização das diferenças e da diversidade. O plano de ação que originou esse trabalho realizou-se numa Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI), em Belo Horizonte, Minas Gerais. A pesquisa busca esclarecer visões pedagógicas relativas às questões étnico-raciais à luz da Lei 10639/03 e almeja, através da abordagem do universo da cultura afro-brasileira em sala de aula, desenvolver referências capazes de contribuir para a abordagem da Lei 10639/03 a partir de suas orientações curriculares. que serão vinculadas às funções pedagógicas, para provocar nos atores que regem a educação a consciência de propor em seus currículos, as temáticas sobre a cultura africana e afro-brasileira e produções de práticas educativas humanizantes relativas às questões étnicos raciais e sociais. O desenvolvimento do plano de ação mostrou que o trabalho em torno dessa temática é árduo e o retorno positivo a essas ações não vem de um dia para o outro, pois leva tempo para o grupo elaborar atitudes capazes de suprimir o modelo alienante que classifica em função de cor, classe social, religião e etc. Por outro lado se é na escola que podemos formar cidadãos críticos e atuantes, é importante e possível produzir em nossas práticas pedagógicas, um leque de opções que podem ser aproveitadas no trabalho com crianças pequenas. O plano de ação utilizou a brincadeira como uma linguagem, que vincula o símbolo e a realidade imediata da criança, esse eixo da educação infantil deu significações adequando o plano ao grau de desenvolvimento das crianças, oportunizando ao grupo uma apropriação crítica das relações étnico-raciais. Conclui-se que, se por um lado, a lei está para todos, ela deve ser implantada, contudo o que se percebe que mesmo sendo implementada em 2003 ela enfrenta muitos desafios para se tornar uma referência no contexto escolar, com destaque na educação infantil.

Palavras- chave: Práticas Pedagógicas; Cultura Afro-brasileira; Educação Infantil.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. PERCURSO DE UMA EDUCADORA.....	10
3. O ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO INFANTIL.....	13
3.1 IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO	13
3.2 FINS E OBJETIVOS DA INSTITUIÇÃO	13
3.3 FINS E OBJETIVOS DA PROPOSTA PEDAGÓGICA.....	14
3.4 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE	15
3.5 ORGANIZAÇÃO E DINÂMICA DO COTIDIANO DE TRABALHO NA UMEI	15
3.6 O ATENDIMENTO E PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA.....	17
4. OBJETIVOS:.....	18
5. REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
7. DESENVOLVIMENTO.....	28
8. AVALIAÇÃO	36
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
10. ANEXOS.....	40

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um relato do plano de ação realizado na Unidade Municipal de Educação Infantil da rede Municipal de Belo Horizonte- UMEI-AARÃO REIS- junto a um grupo de crianças do segundo ciclo da educação infantil da sala amigos do Cebolinha, no turno da manhã onde sou professora de apoio.

O plano de ação em questão teve como objetivo central promover ações, tendo como suporte livros literários infantis da literatura afro-brasileira para favorecer às crianças subsídios para construção de suas identidades numa perspectiva do respeito, da valorização das diferenças e da diversidade. Contudo é importante afirmar que o trabalho é árduo e o retorno positivo a essas ações não vem de um dia para o outro, leva tempo para que o grupo elabore atitudes que possam desconstruir o modelo alienante que suprime e desconsidera por classificações em função de cor, classe social, religião etc. Este resgate social, só será conquistado com produções de práticas educativas humanizantes, que formam o ser em sua totalidade, levando em conta a sua fala, diálogos, cultura; ou seja, com que o ser em si se identifica.

Este plano de ação foi estruturado em etapas, sendo que na primeira confeccionou-se uma faixa que apresentou o plano à comunidade escolar. Junto a ela foi entregue uma carta de apresentação e autorização de direitos de imagem aos pais, para que tudo pudesse transcorrer dentro da legalidade.

A partir dos trâmites legais iniciou-se o plano promovendo uma contextualização do tempo histórico através de livros de história, conversa formal e dramatização para que as crianças pudessem ser inseridas no tema em questão.

Na segunda etapa o trabalho selecionou figuras de pessoas, principalmente negras em diversas atividades para confecção de cartazes produzidos pelas crianças. O tema apoiou-se em contos e reconto de três livros da literatura infantil que trabalham as questões das relações afro-brasileiras (*Menina Bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, *A bonequinha Preta*, de Alaíde Lisboa de Oliveira e *Bruna e a Galinha D'angola*, de Gercilga Almeida). Foram utilizados como recursos para nortear as atividades do plano de ação e a dramatização para que os alunos pudessem interagir melhor com as histórias e o tema das relações étnico raciais.

Neste, contexto, os personagens e as histórias em questão oferecem a possibilidade de mergulhar no universo africano e afro-brasileiro, interagindo com as crianças no intuito de criar um elo contextual entre as histórias e os contos literários, para que ludicamente o plano pudesse concretizar melhor seus objetivos.

Como conclusão, o plano de ação finalizou-se com uma avaliação através de rodinhas de conversa para perceber o que o grupo internalizou com o estudo, exposição das produções e apresentações artísticas realizadas pelas crianças da sala onde se realizou intervenção pedagógica em questão para a comunidade escolar.

2. PERCURSO DE UMA EDUCADORA

Eu, Isabel Regina Neves, nascida em Belo Horizonte no dia 07/07/1966, filha de Alaíde Maria Silva (falecida) descendente de portugueses e Jaci Silva descendente de índio e africano, pertencço a uma família de quatro irmãos, sendo dois irmãos e duas irmãs, pessoas que amo muito. Batizei-me na igreja São José Operário. Minha família é toda católica, cultura que nos foi passada, visto que nossos avós eram católicos fervorosos.

Filhos de pais semi-analfabetos (fizeram somente as duas primeiras séries do ensino fundamental), pois tiveram que abandonar a escola por fatores econômicos e sociais que os excluíram do universo escolar. Na época, havia poucas escolas que ficavam em lugares distantes, eles tinham que ingressar no campo trabalhista mais cedo para ajudar na manutenção da família que era extremamente carente, fruto de uma sociedade capitalista, marcada pelas desigualdades sociais e econômicas.

Sempre estudei em escolas públicas que funcionavam com modelo de ensino tradicional, onde os conteúdos eram passados tal qual vinham da Secretaria de Educação. Ministrados por professores autoritários que usavam como prática atividades de repetição, memorização e acumulação de informações que, às vezes, nem eram compreendidas pelos alunos. Trata-se do que é denominado por Paulo Freire de educação bancária, em que o saber e a cultura eram de inteira responsabilidade do professor cabendo ao aluno aprender.

Na verdade “Convém que o trabalho das crianças não seja uma simples cópia; é necessário que seja realmente a expressão do seu pensamento” (ELIAS, 2006, p.35 *apud* DECROLY). Mas o fato é que, dentro desse contexto conservador, estudei na Escola Estadual Aarão Reis até a antiga terceira série do curso fundamental, que foi marcada por uma reprovação. Nesta série, tive uma professora que se chamava Conceição Ferreira, considerada a mais brava da escola. Eu tinha muito medo dela, não fazia tarefas, não participava de nada, penso que ela me ignorava, me isolava juntamente com outras “crianças problemáticas”. Sem dúvida, “Um dos maiores danos que se pode causar a uma criança é levá-la a perder a confiança na sua própria capacidade de pensar” (WEISZ, 2006, P.78 *apud* FERREIRO).

Terminei o ensino fundamental na Escola Estadual Isabel da Silva Polck. Era uma escola muito boa e distante de minha casa, tinha que andar no mínimo uns quarenta minutos a pé. Foram tempos árduos, em que tive que conciliar o trabalho de doméstica aos treze anos de

idade com a escola, comprar materiais escolares. Mas o que me incentivava era o discurso de minha mãe. Segundo ela, o saber não ocupava espaço e sem escola não seríamos gente. Ela via a escola como uma forma de ascensão social, um fator de equalização social.

Como todo o ser tenho uma trajetória histórica familiar, e em relação à religiosidade cresci em meio a duas doutrinas religiosas, o catolicismo tradicional (família materna) e o espiritismo (família paterna). Meu pai colecionava em casa imagens de entidades, adornos e discos que utilizava para receber os orixás da qual pertencia, isso foi um fato marcante em minha infância, por relacionar o espiritismo, influênciamos meus familiares maternos como “coisa do diabo”. Eu morria de medo quando meu pai nos chamava nos obrigando a participar das manifestações, lembro-me de tremer, transpirar achava iria ser engolida pelo medo que sentia de todo aquele contexto foi terrível viver esses momentos, e digo que estas marcas interferiram na relação de pai para filha, pois não conseguia ficar a sós com meu pai e quando ele chegava em casa era como se um monstro chegasse junto a ele.

E neste contexto de vida entre diversidades de religião e raça, o preconceito era muito forte dentro das relações familiares no qual pertencia. Desde criança tinha mais convivência com os familiares maternos que eram sete negros, e três brancos de olhos claros, e o que mais incomodava era a rixas de minhas duas famílias se atracavam constantemente, e nestes embates sempre ouvia palavras discriminadoras e preconceituosas que direcionava a família de minha mãe como “negrinhos, maconheiros, vagabundos entre outros adjetivos maldosos”. Magoava-me muito sentir no olhar de meus familiares tanta mágoa e rancor, mas que também retribuía os maus dizeres chamando meus familiares paternos como macumbeiros e filhos do capeta relacionando certamente ao espiritismo.

Já o ensino médio, cursei na Escola Estadual Donato Werneck de Freitas. Fiz o magistério e me apaixonei. Tive excelentes professores, engajados e cheios de ideais, que nos ensinaram ótimas práticas. E foi nesse contexto que me formei em 1995, mas não exerci minha profissão.

Trabalhei durante quatro anos no comércio, pois o campo de trabalho de magistério estava saturado e, assim, muito concorrido. A constituição da LDB, das diretrizes para valorização do magistério, relata que o ingresso dos profissionais da educação seria exclusivamente por concursos públicos de provas e títulos. Isso me fez esfriar as expectativas quanto a esse campo profissional, eu não conseguia ficar dentro das vagas que as instituições

disponibilizavam e então tive que procurar outras opções como secretária, caixa de supermercado etc.

E foi em 1990 que consegui um emprego numa ONG (organização não governamental), chamada Projeto Educar do Centro Social Frei José Renato, onde trabalhei durante quinze anos, mas “estacionei” minha vida escolar. Mas, neste mesmo ano, fui chamada para ocupar uma vaga como Educadora Infantil, resultante de uma aprovação de um concurso que fiz na rede municipal de Belo Horizonte. E foi este novo emprego que me abriu as portas para me capacitar, oferecendo-me oportunidades, que estão me ajudando nesta tão necessária qualificação profissional.

No ano de 2007, consegui realizar um dos meus maiores sonhos, o de ingressar em uma faculdade, fazendo o Curso Veredas - Formação Superior de Professores, na Universidade Federal de Minas Gerais, que tem como objetivo a formação continuada dos professores do ensino fundamental da rede pública de Minas Gerais. Esse programa traz conteúdos para a atualização dos professores e orientações para um trabalho contextualizado e interdisciplinar. E é neste curso que estou depositando todas as minhas expectativas de melhorar como profissional e levar para dentro da escola em que trabalho, práticas inovadoras e funcionais que possam melhorar o ensino. Participar do Veredas, foi fundamental em minha vida, a cada passo na estrada do conhecimento, adquiri experiências enriquecedoras para a minha prática, tornando-me mais eficiente e feliz com a profissão de educadora.

3. O ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO INFANTIL

Na UMEI, atendemos muitas crianças com carências sociais, financeiras e emocionais, e tem como objetivo promover uma educação que busque em seus alunos um desenvolvimento integral, nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade. Nessa instituição, o tema central é “CUIDAR E EDUCAR”, mas oportuniza práticas de respeito à cultura, a realidade das crianças, visa buscar o lúdico para trabalhar valores éticos, (apesar de não conter em seu currículo nenhum tema relacionados as relações étnicos raciais). Trabalha o corpo, o faz-de-conta, o brincar, os jogos poéticos, as músicas, dramatizações, conscientização ambiental e trabalhar com temas que são sugeridos nas reuniões pedagógicas

3.1 Identificação da instituição

- Unidade Municipal de Educação Infantil Aarão Reis – Escola Pólo: E. M. Hélio Pellegrino.
- Endereço: Rua Três, nº 25 – Bairro Aarão Reis, CEP: 31.814.680, Belo Horizonte – MG.
- Início das atividades: Março de 2005.
- Inauguração: 17 de novembro de 2005.
- Entidade mantenedora fundadora : Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

3.2 Fins e objetivos da instituição

Os sujeitos da UMEI Aarão Reis concebem a Educação como movimento e o conhecimento enquanto informação, reflexão, crítica e transformação. Dessa forma, educar é desenvolver no ser humano todas as suas possibilidades de vir a ser. É desenvolver qualidades escondidas na busca da compreensão de si, do mundo e da vida. Estando a educação inserida em um contexto sócio-histórico político, busca se, a partir da construção da proposta pedagógica dessa instituição, a formação de crianças enquanto sujeitos de direitos. O fazer pedagógico,

acontecido no dia-a-dia, em parceria com a comunidade escolar irá contribuir para a formação de novos cidadãos.

3.3 Fins e objetivos da proposta pedagógica

A organização desta instituição provém da possibilidade de constituir uma visão própria de uma concepção de educação e cuidado com o sujeito. Sua organização visa sintetizar o projeto pedagógico da instituição e apresentar a proposta de ação educativa dos profissionais.

Fazer do brincar a forma privilegiada de construção do conhecimento, de expressão das emoções, sentimentos, desejos e necessidades, para que a criança possa viver plenamente sua infância, se torna eixo norteador em busca do desenvolvimento integral da criança. Dessa forma, constituem-se fins e objetivos da instituição reconhecer as crianças como seres íntegros, que aprendem a ser e conviver consigo próprios, com os demais e com o próprio ambiente de maneira articulada e gradual. O desenvolvimento de projetos é uma prática constante que poderá efetivar tais objetivos.

A UMEI Aarão Reis tem como fins e objetivos desenvolver a capacidade de observação, reflexão, criação, discriminação de valores, julgamento, comunicação, convívio, cooperação, decisão e ação, atendendo as disposições legais apresentadas na LDBEN 9394/96 nos artigos 2º, 22, 29, 30 e 31. Busca atender os objetivos específicos de cada área de conhecimento na aquisição de competências, habilidades intelectuais próprias e atitudes, de acordo com o proposto pelos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

Os profissionais da UMEI Aarão Reis reconhecem as crianças como cidadãos de direitos e deveres, indivíduos únicos, seres sociais e históricos, seres competentes e produtores de cultura. Sujeitos que necessitam da educação escolar para transformar os saberes de sua experiência em conhecimentos essenciais para o usufruto de seus direitos. A criança vivenciará na escola desafios planejados que lhe possibilitará o exercício de habilidades mentais como observar, comparar, verbalizar hipóteses, elaborar pequenas conclusões, expressar descobertas e conhecimentos adquiridos anteriormente ao seu ingresso na escola.

3.4 Caracterização da Comunidade

A UMEI Aarão Reis está situada no bairro Aarão Reis e atende crianças de zero a cinco anos e oito meses em período integral e parcial. O bairro é antigo, tipicamente residencial, localizado na região norte de Belo Horizonte. Suas ruas são, em sua maioria, pavimentadas, têm saneamento básico e o bairro possui um posto de saúde com atendimento odontológico.

O bairro possui uma escola estadual que atende às séries iniciais do Ensino Fundamental. Já os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio são oferecidos por escolas dos bairros vizinhos, que são próximas e de fácil acesso, evitando assim a falta de atendimento. A Educação Infantil é atendida pela UMEI Aarão Reis, que atua desde março de 2005, tendo como escola núcleo a E. M. Hélio Pellegrino

De acordo com o levantamento de dados realizado através da *Ficha Individual da Criança – Educação Infantil* e *Ficha de Inscrição para Educação Infantil* constatou-se que as famílias seguem em sua maioria, as religiões evangélica e católica. No entanto, as práticas pedagógicas devem atender a propósitos de uma escola laica, que vise à diversidade cultural e religiosa. De acordo com os dados sobre raça/cor dos alunos, é predominante a presença de pessoas negras, existindo também crianças brancas e pardas, de acordo com a auto declaração.

3.5 Organização e dinâmica do cotidiano de trabalho na UMEI

A UMEI Aarão Reis possui um quadro de funcionários formado por 31 (trinta e uma) educadoras, 3 (três) coordenadoras, 1 (uma) vice-diretora, 1 (uma) auxiliar de secretaria, 10 (dez) auxiliares de serviços, 1 (um) guarda municipal, 2 (dois) porteiros, 2 (dois) vigias noturnos.

A UMEI atende a 14 (quatorze) turmas de Educação Infantil, que se dividem em quatro turmas no período integral, cinco turmas no parcial pela manhã e mais cinco turmas no parcial à tarde. Salientamos que o berçário funciona no mesmo espaço para atender às duas turmas.

Devido à demanda do atendimento à comunidade, em alguns anos torna-se necessário a enturmação com agrupamento flexível. São agrupadas crianças com um ano de idade de diferença em uma mesma sala, devendo prevalecer às crianças com mais idade em maior número de alunos.

A escola funciona em sede própria, e foi projetada de acordo com a idade das crianças que atende. Assim, a estrutura física da UMEI Aarão Reis, possui um espaço bem estruturado, dividido e equipado. Sabe-se que para se obter uma educação de qualidade é necessário contar com uma estrutura física que possibilite um bom trabalho, um ambiente acolhedor para alunos, profissionais e pais, uma equipe administrativa pedagógica e um corpo docente competente que estejam sempre abertos a mudanças, a fim de que todos juntos possam alcançar a verdadeira função da educação.

A instituição compõe em seu patrimônio a disposição de cinco salas do parcial, duas salas do integral, berçário, sala de atividades anexa ao berçário, fraldário, lactário, sala dos professores, sala multiuso, banheiros dos alunos do integral e parcial feminino e masculino, secretaria, diretoria, saguão, banheiros dos funcionários feminino e masculino, área de serviço, despensa, cozinha, refeitório, almoxarifado, área externa, parquinho 1 e 2, pátios e corredores de acesso tudo na tentativa de adequar a necessidade da criança e do público que atende.

A UMEI Aarão Reis percebe a rotina como uma estrutura sobre a qual está organizado o tempo de trabalho em prol do desenvolvimento das crianças e com as crianças. Um regime de funcionamento bem organizado permite que os profissionais envolvidos sintam em condições de gerenciar suas práticas, organizando tempos e espaços, bem como uma rotina estruturada orienta a criança, fazendo com que se sinta mais segura, ajudando-a a desenvolver valores como responsabilidade, cooperação e disciplina, além de contribuir para estruturação do pensamento e a construção da noção espaço-temporal.

Em cada turma faz-se necessária a construção de uma rotina mais específica, que leva em consideração a identidade de cada grupo e o planejamento da educadora / professor.

3.6 O atendimento e participação da família na escola

A participação da família acontece durante todo o processo, tendo em vista que o acesso às salas de aula, as apresentações culturais, os atendimentos individuais e reuniões de pais são práticas reais que acontecem nessa instituição.

Parte-se do princípio que família e escola dividem uma mesma tarefa em relação à criança: o educar. Portanto, esses dois ambientes devem assumir uma parceria estabelecendo um objetivo comum, que é o de formar uma pessoa melhor para a sociedade, um verdadeiro cidadão.

4. OBJETIVOS:

Objetivo Geral

- Promover ações tendo como suporte livros literários infantis de cunho afro brasileiro para favorecer a construção de identidades, numa perspectiva do respeito, valorização das diferenças e da diversidade.

Objetivos Específicos

- Conhecer e reconhecer através de contos literários infantis a cultura africana e assim indicar alguns aspectos dessa herança no cotidiano do povo brasileiro;
- Oportunizar materiais pedagógicos como livros e objetos que remetem a cultura africana para que as crianças contemplem, manipulem e possam internalizar como de pertença.
- Criar ambiente favorável para que a criança se aproxime e identifique com a alegria e a atuação africana dentro da cultura brasileira.
- Conhecer as diferentes formas de expressão cultural africana através dos personagens de livros infantis de conteúdo afro-brasileiro.
- Estudar, discutir e desenvolver atividades onde as crianças possam ter contato com a história, para melhor compreender os problemas herdados e enfrentados pelos afro-brasileiros.
- Oportunizar momentos prazerosos de conto e reconto de literatura infantil de cunho afro brasileiro.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

As relações raciais são temas de muita complexidade na atualidade e trabalhar temas como este na educação infantil se torna imprescindível, é fundamental apresentar vivências de valores para que as crianças possam crescer em ambiente de respeito e igualdade, entendendo que no mundo social existem diferenças e diversidades que precisam ser respeitadas.

No contexto escolar percebemos as mazelas do racismo e observamos a sua reprodução ainda que inconscientes pelas crianças. Pois é na escola que a criança tem acesso a um espaço onde a convivência humana é fortalecida pela própria organização da instituição e sendo assim é muito comum que conflitos de toda natureza principalmente racial se aflora na comunidade como um todo.

Contudo é importante que a escola promova ações e incorpore em seu currículo e materiais didáticos, conteúdos pertinentes que trabalhem essas questões e valorizem outras etnias para promover um currículo multicultural onde às crianças possam se reconhecer e se identificar culturalmente. Desde pequenas é percebido o quanto as crianças valorizam os padrões europeus, que é formada por uma sociedade de seres brancos de olhos claros e cabelos loiros. Para desconstruir as afirmações citadas anteriormente se torna importante que o professor não seja conivente com o regime elitista reprodutor vigente, que injustamente classifica pessoas por cor, raça e classe social, utilizando-se de o preconceito como instrumento opressor. Cabe à escola questionar, refletir, construir junto com os pesquisadores acadêmicos, materiais de apoio para que o grupo discriminado possa se identificar enquanto sujeito nos livros didáticos, nos currículos, nas atividades pedagógicas. Nas afirmações de Rocha (2000), é importante um projeto político pedagógico lúdico e prazeroso de conhecimento da cultura negra que possibilite pesquisa, debate, reflexões e discussões é um caminho viável em aula de aula.

É percebido que escritores não retratam personagens negros em suas obras, e quando o fazem os relaciona à escravidão, a profissões subalternas, à atitude de violência, e ao tráfico, levando aos afro-brasileiros e demais componentes da sociedade uma leitura que sua cor somente se vincula a um teor negativo. Esse tipo de negação leva os jovens e crianças muitas às vezes, a negarem suas origens mudando sua fisionomia (fenótipo) para aproximar-se dos padrões aceitos pela sociedade.

No entanto, a escola não deve manifestar-se somente em atividades e eventos produzidos somente para datas específicas como dia treze de março, Dia da Abolição da Escravatura e vinte de novembro, Dia da Consciência Negra. É necessário que ela proponha em seu currículo, atividades com temas sociais principalmente como o das relações étnico-raciais para que os alunos não entendam que as heranças africanas e os destaques negros só giram em torno de Zumbi dos Palmares, sendo essa a única referência da história e contribuições dos africanos. E neste contexto Rocha (2000), argumenta, ressaltando o importante papel que tem a escola na apresentação do conhecimento e valorização da cultura negra e colocando como instrumento para a construção de uma prática pedagógica comprometida com o resgate da cidadania plena para todos.

No entanto cabe à escola incluir imagens e teorias com tema africano e afro-brasileiro no material didático e no currículo. É inegável a força da influência da cultura dos africanos para o Brasil. Dessa forma, é importante levar para dentro das escolas propostas em que o negro possa estar inserido, mas não como objeto de pesquisa e sim como ser de pertença e de direitos igualitários. Fica evidente que para tal informação ser bem absorvida é necessário fundamentar em teóricos e estudiosos do tema para ter melhor aprofundamento no tema e a partir daí introduzir elementos da cultura africana através de ações que favoreçam esse aprendizado. É compreendido que, dentro da escola, encontramos diferentes etnias e culturas e cabe ao professor, como um mediador e transmissor de conhecimentos, elaborar atividades que oportunizam o ensino ao respeito por essas diferenças. E segundo afirma Freire (2000), argumentando sobre a função da educação: “Da educação que, não podendo jamais ser neutra, tanto pode estar a serviço da decisão,... da permanência possível das estruturas injustas, da acomodação dos seres à realidade tida como intocável”.

Sendo assim, compreende-se que é no contexto escolar que valores sociais e morais são reforçados e muitos preconceitos são perpetuados de forma silenciosa. Portanto, principalmente na escola se deve promover a reflexão crítica sobre esses valores. Neste sentido a proposta deste projeto de ação teve por objetivo contribuir e colocar a importância da participação dos povos africanos na construção da sociedade brasileira através dos livros de literatura infantil de cunho afro-brasileiro. Na argumentação de Giordani (1985), o autor relata sobre a imensa e profunda influência africana nas terras americanas tanto sob o ponto de vista racial como cultural (legado), sendo que apresentar e ensinar a valorização e respeito a essa cultura é reconhecer a sua importância na construção da sociedade brasileira.

Portanto, para legitimar tais discussões é imprescindível a ampliação da bagagem cultural e evidenciar a lei 10639/03, que torna obrigatório o ensino da história da África nas escolas. Nesse sentido, é fundamental mostrar a valorização da história africana e sua identidade cultural, buscando com as reflexões o respeito pelas diferenças e diversidades.

Com essas afirmações cabe à escola, instituição que tem como uma de suas funções formar opinião, promover espaços e momentos de interação com a cultura africana e afro-descendente, para que se reconheçam neste contexto, buscando assim sua identidade e valor. É o que afirma Freire (2001). "As crianças precisam crescer no exercício desta capacidade de pensar, indagar... de duvidar, de experimentar hipótese de ação, de programar e não apenas seguir programas...". Trabalhar com os discentes para que possam ter contato com narrativas próximas de sua realidade e fazer reflexão para re-elaborar o seu papel e lugar na sociedade e com essa atitude ocupar seu lugar na sociedade, sem perder sua identidade, sem abater-se pelo poder da elite que o classifica o tempo todo.

Pesquisas afirmam que negros e descendentes possuem menores salários, cargos que não tem prestígio social, não concluem em sua maioria os níveis de ensino após o fundamental, moram em lugares de periferias e etc. No entanto, é pertinente afirmar que para qualquer trabalho que envolve as questões de cunho africano e afro-brasileiro se torna necessária a compreensão de conceitos e de termos que norteiam e que estão incorporados positivamente ou negativamente a esse tema como: raça, racismo, preconceito, discriminação racial, democracia racial, identidade entre outros. O estudo sobre esses conceitos acabam por de alguma forma orientar o leitor a situar e interagir no contexto do plano de ação.

Kabenguele Munanga (1996), ao fazer depoimentos relativos ao mito da "democracia racial", categoricamente afirma... "que somos povo misturado, portanto, miscigenado: e, acima de tudo, é a diversidade biológica e cultural que dificulta a nossa união e o nosso projeto enquanto povo e nação..." Essa impressão ocorre quando a escola insiste em homogeneizar valores ou cultura, silenciando ou segregando outras culturas matrizes que estão agregados em nosso país que tem em sua formação uma diversidade de pessoas com variadas culturas e saberes. Erra a instituição quando a mesma passa a tratar todos, referenciando somente aquela cultura que interessa ou agrada somente uma determinada classe ou etnia. E neste contexto não é ideal que instituição de ensino "escola" que se proponha um currículo que venha vestido de neutralidade, silenciamento de informações, que sufoca culturas, ou classifica classes sociais, demarcando posições de privilégios.

Nilma Limo Gomes em relatos pondera a importância das práticas educativas em relação à homogeneização e defende o debate em favor de uma educação no contexto da coletividade. Ela fortalece esse debate relativo à educação, colocando-a a serviço da diversidade, destacando o grande enfrentamento que é o desafio de disseminar a figura do negro no foco da positividade (GOMES 2000). Implementar práticas pedagógicas, observando as leis que proíbem a discriminação baseada em raça, cor, descendência, nacionalidade ou étnica em todos os aspectos e níveis da educação se torna assunto emergente nos debates e atitudes tanto governamental e social, pois apercebemos várias pesquisas que vêm apontando o racismo muito atuante em nosso cotidiano de um modo geral. E oportunizar práticas de enfrentamento e reparação ao povo negro abre caminhos para uma adoção de medidas para corrigir toda e qualquer manifestação que supostamente possa aparecer ou instaurar em qualquer ambiente, principalmente nas instituições de ensino.

Do ponto de vista das normas legais, fazemos referência às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnicos Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, parecer CNE/CP003/2004, aprovado em 10/03/2004, e que visa em seu texto atender os propósitos expressos na indicação CNE/CP 06/2002, bem como regulamentar a alteração trazida à lei 10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro- Brasileira e Africana na Educação Básica.

O MEC argumenta sobre o peso e responsabilidade de toda a comunidade escolar e civil em fazer que essa lei seja realmente implementada nos contextos das instituições de ensino “Cumprir a lei é, pois, responsabilidade de todos e não apenas do professor em sala de aula. Exige-se assim um comprometimento solidário dos vários elos do ensino brasileiro, tendo-se como ponto de partida o presente parecer que junto com outras diretrizes e pareceres e resoluções, têm o papel articulador e coordenador da organização da educação nacional.”

No entanto ressalta na LDBEM, nos artigos 5,1, Art.210, Art.206,1, parágrafo 1º do art.242, Art.215 e Art.216, bem como nos Art. 26, 26 A e 79B na Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que asseguram o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania. Assim como garantem igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos brasileiros (Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnicos – Raciais). Contudo necessidade de um maior enfrentamento e intervenção por parte do Estado que precisa viabilizar meios de promoção e incentivo de políticas afirmativas, para o cumprimento dessa lei, principalmente

nos espaços educativos da Educação Infantil. É importante que ele garanta o direito legal das crianças, principalmente a negra de ter acesso a cultura baseada principalmente nas raízes, sem constrangimentos e receios, mas, com orgulho de pertença.

E neste sentido é preciso rever os espaços escolares, os materiais didáticos, as práticas de ensino, para que na equidade, oportunizar da mesma maneira o trato para os discentes envolvidos nesse processo, e sendo assim eles possam se reconhecer como atores na construção desses saberes e se reconheçam como um ser que pertença no espaço da escola e do ensino. Para que a instituição seja contemplativa é preciso promover o respeito, o reconhecimento das diferenças, sem medo, receio e preconceitos, para tornar viável uma implementação de medidas que visem combater o etnocentrismo, “tendências dos grupos ou sociedade de privilegiar a si mesma e as suas concepções como superiores, num contexto de interações com coletividade de mesmo tipo” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO 2006, p. 219).

Trindade (2002), ao falar sobre a escola pública e diversidades de cultura, ressalta “que a escola pública, por ser nosso espaço preferencial de atuação profissional, na medida em que além de ser um espaço onde as diferenças se encontram, as culturas se cruzam, onde os excluídos podem ter vivências da igualdade de acesso e de vivência de aprendizagem escolar.”

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Após reflexões acerca da importância de estabelecer uma metodologia que possibilite uma compreensão da temática e ao mesmo tempo oportunize uma proposta de disseminar a importância de tratar da valorização da cultura negra, procuramos elaborar uma proposta capaz de atingir esses objetivos. Nesse sentido, criar espaços para manifestações artísticas e literárias que proporcionem uma reflexão da realidade e dos valores culturais africanos e afro-brasileiros, trazendo para dentro da escola questões étnico raciais que se referem à identidade dos negros e africanos, foi o nosso grande desafio.

Em busca de uma metodologia que favorecesse ações orientadas por esses objetivos, e para dar suporte às atividades que seriam realizadas junto aos alunos da Turma do Cebolinha, que tem crianças na faixa etária de cinco anos de uma UMEI na região norte de Belo Horizonte, decidimos propor o plano de ação do curso do LASEB- Pós-Graduação Lato Senso em Docência na Educação Básica no curso: de Relações Étnico-Raciais

Diante da necessidade e importância de introduzir e legitimar discussões sobre os valores da cultura afro-brasileira torna-se imprescindível procurar uma metodologia que facilite a ampliação do plano procurando meios e saberes para evidenciar a lei 10639/03, (lei que torna obrigatório o ensino da história da África nas escolas). E nesse sentido, foi fundamental mostrar a valorização da história africana e sua identidade cultural, buscando, a partir de reflexões críticas, o respeito às diferenças e diversidades, considerando o público formado por crianças pequenas para que, desde o início da vida escolar, elas possam reconhecer e identificar suas raízes, tanto dentro como fora do espaço escolar.

Optar por um processo reflexivo é importante para que o professor também possa desenvolver uma reflexão sobre sua prática de modo a entender, compreender, ordenar sua prática educativa, tendo como base a interação social. Diante dessa busca, foi de nosso interesse promover interações junto às crianças para que os conhecimentos acerca da diversidade racial possam ser vistos como importantes para a formação de cidadãos críticos e pessoas melhores com condições de fazer a diferença na sociedade em que está inserido. Neste sentido fica a cargo do professor prestar a atenção nos detalhes da metodologia que está sendo proposta para dar sustentação ao Plano de Ação, propondo prática reflexiva, observadora e de registros de modo a possibilitar ao aluno atividades experimentais próximas da realidade do grupo onde a

metodologia está sendo aplicada, pois só assim formaremos discentes produtivos, criativos e imaginativos.

No entanto, Perrenould (1999, p. 5 – 21) afirma que “o professor reflexivo está com seu olhar voltado para o contexto imediato para compreender, regular, aperfeiçoar, ordenar e fazer evoluir uma prática particular vista de dentro para fora”. E neste pensamento é percebida a real importância da ação pedagógica do professor: encorajar, valorizar... E diante destes estímulos é importante introduzir e legitimar discussões procurando meios e saberes para evidenciar o conteúdo sempre sobre a luz da lei 10639/03.

Tendo em vista o público que participaria do Plano de Ação, e por ser da educação infantil, foi preciso uma adequação para contemplar os objetivos propostos. Sendo assim, foi preciso introduzir como parte do método de trabalho uma proposta lúdica e clara, adequada ao grau de desenvolvimento que a turma se encontrava naquele momento... É sabido que a ludicidade é um assunto que conquista um lugar especial no contexto educacional significativo. Mas para que possamos compreender o lúdico, é necessário que se tenha um embasamento do seu significado.

Quanto ao sentido da palavra lúdico, Santos (1997, p 22), comenta que “a palavra lúdico vem do latim *ludus* e significa brincar”. Divertimento das mais diferentes formas, entretenimento e alegria. Esses são elementos imprescindíveis, combinam com as crianças e representam o que mais gostam. A partir desse entendimento, construímos uma essa proposta metodológica fundamentada no lúdico para servir de instrumento para a realização do Plano de Ação. Foram confeccionadas duas bonecas, que transitaram com um caderno de registro para as casas dos alunos. Essa iniciativa teve como objetivo também inserir a família nas reflexões sobre a cultura afro-brasileira que estava sendo realizada nos espaços da escola. A proposta para esse caderno seria uma oportunidade para que as crianças externalizassem junto às famílias o aprendizado na sala de aula. Nele poderia conter qualquer registro produzido pela família ou mesmo pelas crianças.

Ao optar-se pelo método qualitativo, essa pesquisa não poderia possuir em seu teor generalização, princípio e leis. Teria que ter como foco central o específico, o peculiar, o individual, buscando o seu sentido nas experiências vivenciadas pelas crianças. Ao realizar a pesquisa, a proposta era ter como finalidade sistematizar a percepção do grupo sobre a diversidade racial, respeitando a realidade e contribuição de cada um.

Contudo, após a escolha do método a ser desenvolvido, o próximo passo foi iniciar a escuta das crianças para vivenciar as experiências dos alunos e familiares acerca da temática. Para melhor contextualizar foram apresentados vídeos do *Projeto A Cor da Cultura* e da internet, que mostravam danças, jogos de capoeiras, figurinos usando vestuário e modelos de cabelos diversificados, comidas, entre outras experiências para associação com a cultura brasileira, manuseio de revistas temáticas, livros literários de temas afro-brasileiro. Foi oportunizado também ao grupo de educadores no dia de reunião pedagógica uma apresentação da palestrante, contadora de história e professora da rede municipal Maria Edite Rodrigues, que atuou maravilhosamente fazendo fortes e precisos relatos sobre a questão do negro no Brasil e o mito da democracia racial. Maria Edite finalizou sua ação fazendo a contação da história “O Menino Nito”. Portanto, com esse olhar, é fundamental mostrar a valorização da história africana e sua identidade e diversidade mesmo a crianças pequenas. Essa apresentação muito contribuiu para o andamento do plano de ação, pois a partir deste momento muitos educadores compreenderam a necessidade de se falar das questões raciais na escola.

Essa palestra desencadeou um conjunto de atividades no pátio para que mais pessoas pudessem contemplar as ações que estavam sendo propostas. Entretanto, para tornar mais interessantes as participações das crianças, foi inaugurado o seminário da roda onde crianças faziam perguntas diversas sobre o tema e relatos familiares de experiências como, por exemplo:

Quadro 1: Comentários dos alunos sobre o tema da cultura afro-brasileira

Aluna 1: “Eu sou Luanda, meu nome vem de um país africano, minha mãe se chama Kênia, é também um nome de um país africano”.

Aluna 2: “Por que os africanos lutavam capoeira?”

Aluna 3: “A feijoada é uma comida Africana.”

Aluna 4: Minha mãe me faz trancinhas quase todos os dias, e eu falei para ela que foram os africanos que ensinaram a gente a usar traçinhas.

Aluna 5: Os africanos usavam essas máscaras para passear?

No seminário da roda, dentre vários questionamentos, foi falado sobre as diferenças, preconceitos, respeito, amizade, diversidade de cultura e raça dentre outros assuntos. Essa

prática era muito rica, pois nesse momento as crianças identificavam, ganhavam voz, partilhavam vivências e faziam reflexões, davam significados a variadas atitudes que passam pela escola e pela sala de aula. Em todo final de uma atividade, a roda era aberta para falar o que havia sido aprendido, ou sanar dúvidas, apresentar artefatos diferenciados, dentre outros. Daí a riqueza do método que nos possibilitou reunir as experiências e deu oportunidade para contemplar essa riqueza de vivências e possibilidades.

Para melhor fundamentação teórica, recorri aos textos acadêmicos das disciplinas do LASEB, textos de escritores como Paulo Freire, Nilma Limo Gomes, Tomás Tadeu Silva, Amauri Carlos Ferreira, Lucíola Licínio Paixão, dentre outros. Esses autores abrilhantaram a pesquisa com suas idéias e pensamentos, dando suporte teórico para que a ação fosse embasada nas pesquisas científicas,

7. DESENVOLVIMENTO

Reconhecendo a importância de trabalhar temas relacionados às questões étnico-raciais, colaborar no enfrentamento das desigualdades sociais, valorizar a cultura africana e, principalmente, no que se refere à cultura como identidade dos africanos e afro descendente, propus desenvolver neste plano um conjunto de ações com o objetivo de favorecer a disseminação da herança cultural africana, que foi de fundamental para a constituição da sociedade brasileira.

Neste sentido, Souza (2006, p. 85), faz um relato sobre os africanos em que ela ressalta que os negros “vieram para o Brasil e com eles foram trazidos diversidades de línguas, religiões, diferentes maneiras de organização de vida social e econômica, apresentando variados tipos de saberes e habilidade”. E querendo reconhecer ou não, todos esses saberes foram incorporados à vida social brasileira de modo que não se pode negar a existência desse patrimônio cultural. Sendo assim, compreende-se que a escola pode ser vista como um espaço em que os valores de uma cultura devem ser reforçados. Portanto, é também na escola que se deve propiciar a reflexão crítica sobre esses valores, da identidade e relação de pertencimento, de modo a contribuir para a construção da cidadania.

Com a intenção de introduzir elementos e valores da cultura afro-brasileira através de ações afirmativas, desenvolvi um plano visando à identificação dos africanos e afros descendentes na sociedade, a leitura e releitura de contos afro-brasileiros através do teatro (ver Figura 7 do anexo).

Para servir como eixo norteador da disseminação dessa cultura, propus a realização de pinturas de máscaras e artefatos - pulseiras, instrumentos musicais e máscaras de motivo africano, confecção de cartazes contendo frases e imagens positivas de negros para provocar reflexões, brincadeiras com danças e jogos de capoeira a fim de concretizar experiências dessas atividades (ver Figuras 2, 3 e 5 do anexo).

Essas foram inicialmente algumas das atividades que elaborei para trabalhar essa temática. Inicialmente, fiz um cronograma onde dividi o tempo que iria concretizar o plano, iniciando o plano com a apresentação do projeto à vice-diretora, educadora e crianças. Apresentei a carta de estágio à gestora para formalizar a proposta do curso do LASEB e começar a desenvolver ações referentes ao plano de ação. Enviei as autorizações de imagens comunicando aos pais sobre o trabalho a ser desenvolvido. Essa iniciativa teve a intenção de fazer com que o projeto

atingisse as famílias das crianças para que pudessem tomar conhecimento das ações, bem como para que o plano fosse fundamentado na legalidade.

A elaboração e desenvolvimento desse projeto de valorização da cultura negra visam a atender o exercício da cidadania e vivência dos valores através da identidade e da cultura, pois torna-se necessário preparar criticamente nossas crianças para viverem nesta sociedade que, por sua vez, manifesta o preconceito como instrumento para produzir diferenças sociais e raciais. Por isso, é preciso cultivar o respeito no resgate das culturas perdidas no tempo, principalmente o resgate da herança africana.

Num segundo momento, foram apresentados às crianças, para manuseio, revistas e encartes, que traziam referências à herança africana em nosso país, para a localização e seleção de frases e gravuras (ver Figura 2 do anexo). Essa atividade teve a intenção de levar as crianças a identificar imagens de negros em diversas possibilidades positivas. Para confecção de cartazes com foco positivo, mostrando pessoas negras sorridentes, no esporte, com família, com outras pessoas de cor de pele e etnias diferentes, dentre outras possibilidades, essa prática teve intuito de introduzir a valorização e respeito pelas diferenças. Os cartazes foram expostos nos diversos espaços da escola.

Esta experiência foi fundamental; os cartazes foram colocados nos corredores onde as crianças tinham acesso. Elas sempre passavam as mãos pelos cartazes reconhecendo algumas personagens como Nelson Mandela, Barack Obama, Pelé, Beyoncé, Milton Nascimento, Jair Rodrigues, dentre outros conhecidos e desconhecidos, figuras essas que eles resolveram colocar seus próprios nomes como se batizassem a gravura. Eu também estava representada no grupo selecionado. Adorei essa iniciativa tomada por eles, que, para meu entendimento, já traduzia o processo de reconhecimento, pertencimento e identidade.

Para dar continuidade a essa atividade, sempre propondo a roda para os seminários, resolvi introduzir relatos sobre a vinda dos negros africanos para o Brasil. Tive a idéia de trazer, aleatoriamente, livros de histórias que traziam em seu conteúdo relatos da história do Brasil desde a colonização para contextualizar o conteúdo em questão. Mas o interesse não era focar na escravidão e sim fazer um passeio pela história para dar significado à presença do negro em nossa sociedade. Essa atividade perpassou levemente pela história dos indígenas, portugueses até chegar aos africanos. Foi neste momento que percebi o quanto a maioria do grupo já possuía uma referência sobre o assunto.

Nesse grupo destacava-se uma menina (Luanda), que trazia de sua família grandes argumentações relativas à temática africana, inclusive qual era origem de seu nome e porque foi registrada com ele. Ao observá-la fazendo tanta interferência e demonstrando tanto desejo de participar, Luanda passou a fazer parte do processo de implementação do plano. Para aproveitar esse desejo de participação demonstrado por ela, resolvi convidá-la para ser minha ajudante disseminadora da história africana, e por colocar sempre suas idéias nos seminários de roda e me ajudar como fotógrafa, organizadora de materiais, dentre outras atividades que junto comigo fazia, o plano ganhou um brilho diferente dado por Luanda. Falar desse tema para essa criança era tão necessário que ela se manifestava o tempo todo, querendo sempre dar depoimentos. Falava das suas experiências do ano anterior, com o projeto que teve seu nome (que é de origem africana) como parte integrante. Tenho certeza que para vida de Luanda, como para todas aquelas crianças que participaram desse plano, o olhar para o negro passou a ter um novo significado.

Já tomando proporções bastante significativas no espaço da escola, entendi que seria interessante trabalhar um pouco de arte com as crianças. Passamos, então, a fazer um cenário que inicialmente teria caráter de itinerante, com imagens que lembravam uma África mítica, e que houvesse elementos da cultura como máscaras, instrumentos musicais, para ambientar os seminários de roda sobre a África (ver Figura 4 e 7 do anexo). Esta foi uma experiência fantástica, pois chamou a atenção de outros grupos que começaram participar das atividades, valorizando e fazendo com que a África “gritasse” para aquele que não a queria ouvir.

E o plano foi evoluindo adquirindo uma dimensão mais prática. Em conversas na sala de professores, foi apresentada uma sugestão de que nas sextas feiras fizéssemos um dia diferente, em que o grupo pudesse fazer apresentações de teatro para ter momentos de descontração e, ao mesmo tempo, trabalhar o imaginário, o conto e reconto com as crianças. Essas apresentações seriam feitas pelas educadoras da escola. Aproveitando o ensejo, sugeri que fossem incluídos nesse contexto, os contos da “Menina Bonita do laço de fita”, de Ana Maria Machado, “A bonequinha Preta”, de Aláide Lisboa de Oliveira e “Bruna e a Galinha D’angola”, de Gercilga Almeida. Esses livros foram sugeridos intencionalmente por terem sido selecionados para abordar o universo da literatura afro-brasileira junto às crianças, dando-lhes oportunidades de momentos prazerosos e, assim, indicar alguns aspectos da herança africana no cotidiano do povo brasileiro.

A partir dessas apresentações, sugeri ao grupo de crianças que confeccionassem uma bonequinha de artesanato feito de tiras e nós, muito fácil de fazer (ver Figura 5 do anexo). Foi um sucesso! Nesta atividade, a professora Mariza, que trabalhava comigo no grupo, participou dando uma valorosa colaboração.

Confeccionei duas bonecas negras de tamanho médio representando as personagens dos livros que seguiriam em visita às famílias. Elas iriam servir de objetos para socializar o plano para os familiares. Para tornar essa atividade mais próxima à experiência de vida das crianças, pedi um registro livre referente à parte do plano que a criança mais gostou, na história da cultura africana ou da herança deixada para a sociedade brasileira. Esses relatos viraram um livro de registro contendo uma contribuição do grupo de crianças de outras salas, de educadoras e simpatizantes.

O livro de registro foi tão positivo que uma colega professora pediu o material para divulgar junto à escola em que trabalha e assim outras professoras da UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil), que também atuam como P1, tiveram a mesma iniciativa (ver Figura 6 do anexo). Esse material foi uma grande contribuição para a divulgação do plano de ação. Esta produção passou em escolas da Rede Municipal para ser contemplado. Isso muito me agradou, pois essa atividade alcançou outras dimensões educativas e sociais fora do perímetro da instituição UMEI- Aarão Reis, onde trabalho.

Diante de toda e qualquer apresentação de um novo conteúdo, a prática era avaliada no seminário da roda. Essa estratégia foi utilizada para fazer observações, interferências e deixar que o grupo pudesse se manifestar a sua maneira, o que o público estava percebendo das atividades. Nesses momentos, eu também percebia o quanto foi rica a proposta desse plano, pois crianças participavam com afinco e muito interesse. Num desses momentos, um aluno nos falou da capoeira, pois seu pai era capoeirista e trabalhava na escola integrada da rede promovendo essa atividade. Aproveitando esse relato, a partir desse momento começamos a brincar de capoeira e maculelê na roda, mas o som era produzido com a boca e palmas, sem os instrumentos de percussão da capoeira. Então, sugeri construir um tambor reciclado de barrica de sabão em pó, e chocalhos de latinhas recicladas e sementes. Ganhamos de um aluno um mini-berimbal sendo que, nos dias de danças, capoeiras e o maculelê, utilizávamos os instrumentos ludicamente para sonorizar o ambiente e tornar mais concreto o momento das práticas do plano de ação (ver Figura 3 do anexo).

Falando em diferenças, levei para o grupo uma proposta trazendo pequenos cartazes de elementos da cultura negra como máscaras, silhuetas de homens e mulheres negras com vestes diferentes e pedi para colar papéis coloridos como mosaico. Esta proposta teve o objetivo de trabalhar as questões de gênero e cultura do corpo como vestuário e penteado afro, para poder dar iniciação à questão da igualdade de direitos e diferenças culturais. Estes trabalhos se transformaram em belos quadros que compuseram uma galeria, juntamente com um presente ofertado pela avó da menina Luanda, uma linda pintura de uma mãe negra com um filho no colo. Este material foi utilizado em lugar de destaque na feira literária da escola pólo Hélio Pellegrino.

A partir dessa atividade, utilizei o computador para que as crianças pudessem ver coloridas as diversas estampas do vestuário e penteados africanos, pedindo que fizessem associação entre o modo de vestir e se arrumar dos brasileiros e das pessoas que freqüentavam a UMEI. Na avaliação, eles perceberam as trancinhas e as roupas com estampas. Então, levei algumas cangas coloridas e com chocalhos e tambor, ao som de Clara Nunes, dançamos a música “Morena de Angola” (ver Figura 9 do anexo). Esse foi um lindo momento; as meninas dançaram para o público da escola, que parou para contemplar a atividade. Após apresentação, improvisou-se uma passarela por onde desfilaram todas as crianças que participaram do plano de ação. Aproveitamos esse momento para convidar pessoas da escola que quisessem fazer parte do desfile. Foi muito rico ver a alegria estampada nos olhos do grupo ao ver outras crianças participando e outras pessoas do cotidiano escolar desfilando com alegria e prazer.

Já finalizando o plano de ação, convidamos um grupo de capoeira da Escola Integrada Cônsul Antônio Cadar para fazer uma apresentação e falar um pouco sobre as questões do negro na sociedade. O capoeirista foi breve, mas abordou o tema com palavras claras e de fácil entendimento para aquele público. As crianças ficaram vislumbradas com a apresentação de capoeira e maculelê; elas foram convidadas e deram um grande espetáculo a parte.

Na semana seguinte a UMEI foi convidada para participar da feira Literária da Escola Municipal Hélio Pellegrino, onde foi exposta toda produção da Turma do Cebolinha (ver Figura 1 e 9 do anexo) e dos grupos de crianças e educadores de outras salas que aderiram ao plano de ação, enriquecendo o seu conteúdo e conferindo a ele uma abrangência para além dos objetivos propostos inicialmente.

CRONOGRAMA

Momento	Data e Horário	O que acontece / Quem Faz?	Objetivos	Materiais de Apoio / Ambientação
Apresentação do projeto e o tema a ser desenvolvido.	09 a 23 de setembro de 08h30min às 9h30min	Apresentação do projeto para a gestão e a comunidade escolar, faixa onde será apresentado o plano à comunidade escolar, junto a ela entregarei a carta de apresentação e autorização de direitos de imagem aos pais para que tudo transcorra dentro da legalidade.	Inteirar a chefia imediata da proposta para que eu possa começara a desenvolver ações referentes ao plano de ação em questão.	Apresentação da carta de estágio ao gestor e Autorização de imagens e comunicado aos pais sobre o tema a ser trabalhado.
Confecção de cartazes	06 a 30 de setembro de 08h30min às 9h30min	Manuseio de revistas de cunho africano para a localização e seleção de gravuras. Confecção de cartazes pelas crianças com gravuras de negros, com foco positivo. Exposição pelas crianças dos cartazes confeccionados nos espaços escolares e introdução ao conteúdo História da África.	Proporcionar as crianças um olhar sobre a figura do negro para que as crianças possam reconhecer nas figuras semelhanças físicas valorativas. Oportunizar materiais pedagógicos como livros e objetos que remetem a cultura africana para que as crianças contemplem, manipulem para que possam internalizar como de pertença.	Folhas de colorset, colas, revistas de cunho afro descendente.

		<p>Manuseio de livros de história do Brasil para contextualizar o conteúdo em questão.</p> <p>Brincadeiras com rodas de capoeiras e maculelê para interação com o tema.</p>	<p>Criar ambiente favorável para que ele se aproxime e identifique com a alegria e atuação africana.</p>	
Teatros e trabalhos manuais	17 de outubro a 16 de novembro de 08h30min às 9h30min	<p>Apresentação do teatro pelas educadoras da escola dos contos Menina bonita do laço de fita de Ana Maria Machado, A bonequinha Preta de Alaíde Lisboa de Oliveira e Bruna e a Galinha D'angola de Gercilga Almeida.</p> <p>Confecção de bonequinhas preta com sucatas, Reconto pelas crianças através de fantoches.</p>	<p>Oportunizar momentos prazerosos de contos e recantos de literatura infantil de cunho afro brasileiro.</p> <p>Conhecer e reconhecer através de contos literários infantis a cultura africana e assim indicar alguns aspectos da herança africana no cotidiano do povo brasileiro</p> <p>Manuseio de fantoches para reconto da história em questão</p>	<p>Livros de literatura infantil de cunho africano.</p> <p>Fantoches e o bando. Cortinas de pano chita.</p> <p>Sucatas, Retalhos coloridos, lãs, cola e etc.</p>
Confecção de oficinas	16 a 18 de novembro	<p>Contação das três histórias com tema afro - brasileira pelas educadoras.</p>		<p>Utilização dos espaços apropriados da escola para</p>

		<p>* Teatro</p> <p>* Fantoche</p> <p>Apresentação de capoeira e macule lê pelos integrantes da Escola aberta da Escola Municipal Cônsul Antônio Cadar e crianças da Turma do Cebolinha.</p> <p>Desfile Afro (roupas e cabelos e pinturas referente ao tema), pela comunidade escolar.</p>		<p>eventos, (saguão Anfiteatro e rol de entrada), fantoches, trabalhos produzidos pelas crianças e grupos da escola, ornamentação com chitas e produções das crianças, painel de passo a passo do plano de ação e recursos Humanos.</p>
Oficina literária		Exposição de toda a produção da turma do Cebolinha e grupos de crianças e educadores de outras salas que estão aderindo a esse plano de ação.	Expor para comunidade escolar esse plano de ação e todos os seus objetivos.	Toda materialidade acima referida.

8. AVALIAÇÃO

A avaliação foi feita de modo processual e contínuo, em que foi utilizada a observação e feitos registros em cada atividade desenvolvida com os discentes para a percepção do processo do ensino/aprendizado do grupo em relação ao tema.

Embora inicialmente solitária e deparando com fortes ações camufladas intencionais preconceituosas na forma de brincadeiras por parte de muitos integrantes do coletivo de docentes da escola, acredito com o decorrer das atividades, uma conscientização e uma apreciação em relação ao plano foram evidenciadas pelo grupo. Foi gratificante perceber que aqueles que utilizavam de deboches pejorativos passaram a contribuir nas atuações teatrais, nas contações de histórias, nos relatos positivos sobre a evolução do plano, no envolvimento das crianças e da escola nas atividades que estavam sendo propostas. Acredito que se romperam muito das ações relativas ao respeito e conscientização de alguns dos docentes da UMEI, deixando-me feliz com o retorno do qual sinceramente de certas pessoas não esperava.

Foi interessante perceber algumas crianças se reconhecendo nos cartazes e se posicionando como descendentes de africanos, reconhecendo a cultura afro através dos penteados, instrumentos musicais, das músicas como o samba, o hip-hop, axé, reconhecendo personalidades negras importantes como Mandela, Pelé, Dayane Santos, Djavam, Obama dentre outros. A criança que convive com situações discriminatórias encontra dificuldades para construir uma imagem semelhante sobre si, sendo que, para serem aceitas, passam a negar sua identidade tentando agregar valores ditos “padrões” e sendo assim passam a negar sua identidade por achar diferentes desse modelo, se sentem inferiores ou feias entre variados pejorativos

Contudo, torna-se preciso salientar que a população brasileira em sua maioria é de negros e mestiços, porém mesmo em maioria esse grupo ainda não se fortaleceu ideologicamente para eliminar ideologias, desigualdades e estereótipos racistas que valoriza e avalia o ser pela cor de sua pele favorecendo ou oprimindo de acordo com os interesses sociais. E essas manifestações tanto do grupo de convivência que impõem esse modelo ou mesmo da mídia que em suas programações reforçam esse padrão europeu, contribuem para que as crianças negras se sintam invisíveis nos ambientes sociais e escolares, pois em quase nenhum

momento percebem a imagem do negro contemplado nas atividades televisivas, sociais e nem no contexto escolar.

A valorização da cultura afro-brasileira e apresentação às crianças toda a dinâmica do plano de ação em um foco positivo foi muito valioso. Digo isso pelo retorno de prazer percebido no olhar das crianças que faziam parte do grupo da Turma do Cebolinha. Acredito que essa turma nunca será a mesma depois desse plano de ação; elas levarão com elas saberes que utilizarão para o resto de suas vidas. E fico muito feliz por ter contribuído com essa conscientização e ter oportunizado a esse grupo momentos ímpares de saberes e experiências do povo africano e toda a sua contribuição ofertada à sociedade brasileira.

Em nossa escola acreditamos na educação inclusiva, sem discriminação, em que autonomia, cidadania, respeito humano fazem parte do nosso currículo. Fazendo assim da nossa prática metaforicamente, asas de função libertadora, acreditando sempre que vivemos em um mundo de diversidades culturais, cada um dentro da sua realidade tem muito a contribuir para um mundo melhor.

Este projeto favoreceu o desenvolvimento da expressão corporal, oral e cultural dos alunos, através de momentos de interpretação, coreografias, músicas, capoeira, poesias e a valorização de hábitos e atitudes fundamentais nos valores éticos e estéticos da cultura negra; ampliou os conhecimentos. As atividades culturais e teatrais ressaltaram valores que impulsionaram e orientaram a vida dos discentes e de todos que participaram na busca da formação da identidade da turma e dos envolvidos no processo. Com este conhecimento, vivenciou-se e valorizou-se a cultura negra através da música e da pintura como forma de identificação e resgate da auto-estima do aluno afro-descendente. Através de atividades artísticas, buscou-se desenvolver ações transformadoras, em que se projetou o respeito como prática fundamental e essencial para mudar as pessoas e, conseqüentemente, a sociedade.

Ao final do projeto, propusemos uma auto-avaliação para a reflexão dos alunos sobre o desempenho e aprendizado, através de rodinhas de seminário, para perceber o que o grupo internalizou com o estudo. Houve também uma exposição das produções e apresentações artísticas realizadas pelas crianças da Turma do Cebolinha, onde se realizou intervenção pedagógica em questão, para a comunidade escolar. Por meio de reflexões na roda do seminário e através dos registros no portfólio criado pelas crianças, pais e participantes simpatizantes, avaliou-se como positivo a contribuição os saberes e ou atividades relativas ao

plano de ação cultura afro-brasileiro na sala de aula. Foi contemplado nas avaliações em texto requisitado para grupo de educadores que quiseram participar esses registros deram contribuições para ajustar detalhes não observados e que nos próximos trabalhos poderei contemplar.

9. REFERÊNCIAS

CAMEN, A. Universos Culturais e Representações docentes: subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural, **Revista Educação e Sociedade**, n.77, Campinas, 2001, p. .207-227.

FREIRE, Paulo: **Ensinar exige escutar** In: Pedagogia da Autonomia, São Paulo. Ed. Paz e Terra. 2000.

FREIRE, Paulo. Carta do direito de mudar o mundo. In: Souza, Ana Inês (org.) **Paulo Freire – Vida e obra**. São Paulo, Expressão Popular, 2001.

GIORDANI, Mário Curtis. **História da África Anterior aos descobrimentos**. Petrópolis, RJ: ed. Vozes, 1985.4ª edição. 2006.

PARAÍSO, M.A. Apresentação. in: PARAÍSO.M.(Org.). **Pesquisa sobre Currículos e Culturas**. Curitiba: CRV, 2010, p.11-14.

PARAÍSO, M. A.. O currículo entre a busca por “bom desempenho” e a garantia das diferenças. In: santos, L. L. [et. al.]. (Orgs.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.p.132-52.

PERRENOULD, Philippe. ”Os professores e a gestão do currículo: perspectivas e práticas reflexivas e participação crítica”. in **Revista Brasileira em Educação**: AMPED,Rio de Janeiro, n.12,1999.pp.5-21

ROCHA, Margarida de Carvalho. Alfabeto Negro. **A valorização do povo negro no cotidiano da vida escolar**. Manual do professor. Mazza edições, 2000.

SANTOS, S.M.P dos. **O lúdico na formação do educador**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SOUZA, Marina de melo. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, p.85.2006.

10. ANEXOS



Figura 1: Turma do Cebolinha



Figura 2: Confeção de cartazes pela turma.



Figura 3: Apresentação de capoeira da equipe da Escola Integrada e brincadeiras do jogo realizadas pelas crianças.



Figura 4: Seminário da roda



Figura 5: Confeção de instrumentos musicais, máscaras e bonequinhos com sucata



Figuras 6: Confeção do portfólio.



Figuras 7: Cenário itinerante e dramatização



Figuras 8: Palestras da professora Maria Edite Rodrigues



Figuras 9: Apresentações (danças, desfiles) e exposição na Feira Literária